

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: TAR00001

Data: 04.04.72 Pg.: _____

Tapirapés também vão perder seu território

ESP 4-4-72

HENRIQUE GONZAGA JUNIOR
Enviado Especial

Os únicos índios do Brasil que vêm aumentando de número nos últimos anos — os tapirapés, de Mato Grosso — estão ameaçados de ser retirados de suas terras pela Funai, que deseja transferi-los para a Ilha do Bananal, cedendo a pressões da Companhia Colonizadora Tapiraguaiá. Essa empresa se diz proprietária da toda a região que serve de habitat aos tapirapés. A denúncia é formulada pelo bispo da prelazia de São Felix, dom Pedro Casaldaliga, que pretende apresentá-la em Brasília, no dia 21, quando se reunirá a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB.

Os tapirapés são em número de 104 e habitam a região próxima ao lago Tapirapé, na confluência dos rios Tapirapé e Araguaia, em Mato Grosso. Até há poucos anos, o número de silvícolas era apenas a metade. O crescimento da tribo ocorreu com a chegada às suas terras das missionárias da ordem Irmãs de Jesus, que começaram a lhes prestar assistência.

"Tempos atrás — afirma o bispo de São Felix — houve uma tentativa de transferir os tapirapés para uma região pantanosa de Mato Grosso. Ora, os tapirapés são índios agricultores. Não se pode "deportá-los", jogando-os numa terra que não lhes serve para o trabalho".

ALDEIA MODELO

"No exterior — continua — a aldeia dos tapirapés é tida como modelo por antropólogos que entendem da cultura indígena brasileira. O estudioso Herbert Balbus escreveu um livro sobre os tapirapés, mostrando o grau de seu desenvolvimento".

Mas conta o bispo dom Pedro Casaldaliga que um dos líderes tapirapés, com palavras simples, demonstrou a preocupação pelo futuro da tribo: "Governo cuida pouco de índio. Para cuidar muito de índio, governo tem que ser índio".

Além de trabalhadores, os índios tapirapés são quietos, associativos e trabalham num regime comunitário. Pertencem ao ramo linguístico da família Tupi-guarani. O bispo de São Felix explicou que as Irmãs de Jesus evitam pregar o evangelho cris-

tão para não lhes destruir a cultura. A ação missionária se restringe à assistência e a marcar a presença católica.

CONFLITOS

A região está a apenas 30 quilômetros de Santa Terezinha, cidade conhecida pelos choques que vêm ocorrendo nos últimos anos entre posseiros e a Companhia de Desenvolvimento Codeara. No entanto, quem reivindica a área dos tapirapés é a Companhia Tapiraguaiá, sua vizinha.

Além desses conflitos, o bispo de São Felix afirma que se o "governo não tomar providências energicas, todo o município que se estende de Barra do Garça até Santa Terezinha, um dos maiores de Mato Grosso, poderá ser palco de grandes convulsões sociais".

As denúncias contra a Codeara já foram entregues a 18 de março ao ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. Contudo, na visita que lhe fizeram os bispos, o ministro não prometeu nenhuma providência. Dialogou com eles 15 minutos e disse que estava atrasado para um outro compromisso. Segundo as denúncias, a empresa Codeara, uma das maiores proprietárias de terras de Mato Grosso, vem agredindo os posseiros da região há cinco anos.

Outro polo de conflito, no entender do bispo dom Pedro Casaldaliga, localiza-se nas terras que os índios xavantes reclamam da Companhia Agropastoril Suiá-Missu, cujos domínios se estendem numa área correspondente a cinco vezes o tamanho da Guana-hara. Muitos desses índios foram expulsos há muitos anos das terras e habitam agora as regiões de São Marcos, Neuri, Sangradouro, Areões e São Domingos. Muitos deles, especialmente os de São Marcos, vivem em clima de grande intranquilidade. Até o momen-

to, a Funai não lhes deu resposta à reivindicação de voltarem às suas terras.

CRIADORES

O bispo de São Felix reivindica ainda da Funai, ou do governo federal, providências para regularizar a situação de pequenos criadores e sertanejos que habitam há muitos anos a Ilha do Bananal. Eles estão na ilha antes da criação do parque indígena do Bananal, mas há cinco anos a Funai vem tomando decisões contraditórias, ameaçando tirá-los das terras e logo depois prometendo-lhes garantir a continuidade da atividade agropastoril a que se dedi-